

Sobre trabalho, poesia e religião

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Ao aproximar-se o Dia do Trabalho, nestes tempos em que o emprego e a possibilidade de ganhar dignamente o pão de cada dia parecem tornar-se cada vez mais escassos e rarefeitos, a reflexão que se possa fazer sente inevitavelmente o desejo de ir além da noção de trabalho “lato sensu” e procurar encetar vôos mais altos.

A partir de uma interpretação um tanto reducionista do texto bíblico da criação no qual Deus, após a desobediência de Adão, o condena a “ganhar o pão com o suor de seu rosto”, passou-se a interpretar a contingência humana de trabalhar a fim de prover a suas necessidades como uma conseqüência da queda original. A partir daí, desenvolveu-se toda uma concepção do trabalho como castigo, pena a ser cumprida, tortura mesmo. A própria palavra latina “trepalium”, da qual provém “trabalho”, dá conta desta concepção e desta maneira de encarar o trabalho. Porém, infelizmente, não dá conta da beleza que se esconde no fundo do ato de trabalhar, qual seja, a possibilidade do ser humano ser co-criador com Deus e assim transformar a natureza e produzir a cultura.

O grande drama do trabalho parece ser, nesta longa história da humanidade, a tentação em que o ser humano tantas vezes tem caído, de usa-lo como instrumento de exploração do outro, como meio para conseguir lucros e vantagens obscenas às custas do esforço alheio e ainda como caminho para construir o mundo e a realidade atropelando com ganância e cobiça desmedidas as vidas e os desejos de uma imensa maioria que depende do trabalho para viver. E acaba encontrando no trabalho – quando ele existe – um meio de sobrevivência e não de vida. Meio que lhe destrói a dignidade e o transforma em coisa e máquina, sem sentimentos, desejos e sensibilidade.

O fenômeno da globalização econômica dentro da qual vivemos tem contribuído sobrejamente para esse aviltamento do trabalho que o despoja de sua grandeza primeira. Além de suprimir paulatinamente os empregos, substituindo pessoas por máquinas e deixando milhões de pessoas sem poder ganhar a vida dignamente, tem produzido ou agudizado formas exploradoras e opressoras do ser humano por seu semelhante. Essas podem tomar as formas monstruosas do trabalho escravo nos barcos chineses, onde em troca de uma ração de arroz por dia milhões de pessoas produzem os tênis de griffe que custarão caros preços nos mercados do primeiro mundo ocidental. Ou ainda reforçar o imenso problema que enfrenta o Brasil hoje, do trabalho infantil denunciado a nível internacional, para o qual ainda não se conseguiu encontrar solução digna e satisfatória. Para a multidão de desempregados, para os modernos escravos chineses, para as milhares de crianças condenadas a nunca ter infância, a vida se torna uma cadeia inesgotável e sombria de sucessivas escravidões que lhe roubam a alegria e a gratuidade.

Nesse sentido, o trabalho é, sim, escravidão. Já nos anos 30, a intelectual francesa Simone Weil, apaixonada pelo tema da condição humana no mundo do trabalho, ao fazer a experiência de um ano de trabalho em uma fábrica, diz ter recebido na carne a marca da escravidão, que é, segundo ela, “o trabalho sem luz de eternidade, sem poesia, sem religião.

Ao tomar estas formas desviadas e monstruosas o trabalho, sim, se torna tortura e castigo. Seja na sua falta que condena à miséria e ao aviltamento; seja no seu exercício castrado de criatividade, de liberdade, e de utopia .

Que o Dia do Trabalho seja uma boa ocasião para, em um Brasil que se quer novo e justo, refletir sobre o sentido mais profundo do trabalho, inseparável da contemplação, da inspiração e da criação. A outra opção seria apenas aquela que ninguém deseja: dividir o mundo em sujeitos escravizados e sujeitos consumidores. Desapareceria aí a raiz da imagem bíblica que vê no esforço humano de trabalhar parte constitutiva da dignidade humana.